

Angústia, a Impossibilidade do Ser

Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello ¹, Ana Carolina Athayde ²

¹ Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Rua Diorge Palomares Rufino, 189 – Cep.: 86.063-210 Londrina – PR
migliozi@sercomtel.com.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Rua Ernani Lacerda Athaide, 1260 – Bloco IV Aptº 12 Cep. 86.055-630 Londrina –PR
anacarolathaide@yahoo.com.br

Abstract. The theoretical basis in which this work is sustained is the Discourse Semiotics. The *corpus* is constituted by discourses present in *blogs* of the *internet*. The objective is to make an analysis of the pathematic configuration of anguish. Passion is the outcome of modal arrangements that configure a certain “state of soul” in the subject. We aim to discuss what the modal syntax of anguish is. But it is also known that, for a fertile passionate investigation, there cannot be a limit to the investigations towards the modal arrangements, since the same modal sequence serves to explain different passionate effects. To come to a wise passionate description, it is necessary to make a wider investigation of the discourse. It is necessary to incorporate to the examination of the modal arrangements an analysis of the actancial relations of the discourse, programs and narrative courses, etc.

Keywords: *anguish; Semiotics of Passion; Psychoanalysis.*

Resumo. A base teórica deste trabalho é a Semiótica Discursiva. O *corpus* é constituído por discursos presentes em *blogs* da *internet*. O objetivo é fazer uma análise da configuração patêmica da *angústia*. Paixão é o fruto de arranjos modais que configuram um dado “estado de alma” no sujeito. Objetiva-se é discutir qual é a sintaxe modal da angústia. Por outro lado, sabe-se também que, para um estudo passional fecundo, não se pode limitar as investigações aos arranjos modais, uma vez que uma mesma seqüência modal serve para explicar diferentes efeitos passionais. Para chegar a uma descrição passional ajuizada, faz-se necessário uma investigação mais ampla do discurso. É preciso incorporar ao exame dos arranjos modais uma análise das relações actanciais do discurso, dos programas e dos percursos narrativos, etc.

Palavras-Chaves: *Angústia; Semiótica das Paixões; Psicanálise.*

I) Introdução

O foco de estudo deste artigo é o discurso passional, mais especificamente a estruturação discursiva da *angústia*. Lacan considera a angústia fundamental no que concerne ao tratamento psicanalítico. Ela é colocada pelo autor como um sinalizador de conteúdos inconscientes, que constituem justamente o objeto que se pretende alcançar em um tratamento psicanalítico.

A Semiótica das Paixões ocupa-se da construção da dimensão passional dos discursos, ou seja, da observação da paixão enquanto efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem. Foi necessário à Semiótica um longo percurso para que fosse possível o estudo das paixões humanas, sem que a análise caísse no subjetivismo. Foi somente a partir dos estudos sobre a modalização do ser, que a Semiótica pôde dedicar-se ao estudo das paixões.

Barros (1990, p. 60) sugere que há dois caminhos, que se complementam, para proceder a uma análise dos efeitos passionais do discurso. Segundo a autora:

O primeiro [caminho] estabelece a relação entre a organização modal narrativo-discursiva e as categorias semânticas da estrutura fundamental que estão por detrás das paixões, ou seja, preocupa-se com a relação vertical e de conversão entre dois níveis do percurso gerativo, para explicitar, de uma certa forma, a <origem> gerativa das paixões; o segundo tenta determinar, horizontalmente, as relações sintagmáticas modais que caracterizam as paixões, a partir de configurações discursivas, e, também, suas relações paradigmáticas, que constituem <sistemas de paixões>.

Ainda de acordo com Barros (1995), as paixões podem ser entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais, que modificam o sujeito. Entretanto, como ensina Fontanille (1986), para o estudo das paixões é necessário ir além dos arranjos modais, pois uma mesma seqüência modal pode produzir diferentes efeitos passionais. Dessa forma, torna-se necessária a análise do discurso como um todo, considerando as relações actanciais, os percursos e os programas narrativos, os contratos fiduciários entre enunciador e enunciatário, etc.

Bertrand (2003, p.358) salienta que, para proceder a uma análise dos efeitos passionais do discurso, faz-se necessário construir uma semântica da dimensão passional nos discursos, ou seja, tomar a paixão, não naquilo em que ela afeta o ser efetivo dos sujeitos reais, mas enquanto efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem.

No final de década de 60 e no início da de 70, Lacan (*apud* Fink 1998) buscou definir, de forma mais precisa, o que ele denominou “sujeito do inconsciente”. O autor procurava uma manifestação precisa desse sujeito nos discursos que analisava: recorria à gramática e à Lingüística, tendo em vista o sujeito da oração. Lacan esperava encontrar um significante do sujeito do inconsciente nos enunciados. Entretanto, Fink (1998, p. 59) observou que “o pronome pessoal “eu” designa a pessoa que identifica seu *self* com uma imagem ideal específica. Dessa maneira, o eu é aquilo que é representado pelo sujeito do enunciado, da consciência.” Avançando em seus estudos, Lacan (*apud* Fink 1998) conclui que o sujeito do enunciado da Lingüística é o sujeito da consciência

para Psicanálise. Observa, ainda, que, em determinadas expressões, o enunciado apresenta lacunas, ambigüidades, e incoerências. A este propósito, Fink (1998, p. 61) ressalta:

A palavra faz claramente parte do código e, à medida que aparece na mensagem, parece dizer algo a respeito desta, mais precisamente a respeito do falante. Mas, em vez de simplesmente designar quem está falando, parece nos dizer algo a respeito do falante, em outras palavras, que ele não está completamente de acordo com o que está dizendo. Parece apontar para um falante ambivalente que diz sim e não ao mesmo tempo, que enquanto diz uma coisa, insinua outra.

Dessa maneira, a divisão psíquica entre consciente e inconsciente, proposta tanto por Freud quanto por Lacan, pode ser observada nesse nuances do discurso, que não é, necessariamente, posta em palavras. Ainda segundo Fink (1998, p. 62), o sujeito da consciência, ou do enunciado, pode ser qualificado pelas categorias lingüísticas do código e da mensagem. O sujeito do inconsciente, como ressalta Fink, não aparece em nenhum lugar do que é dito. É justamente por isso que Lacan não encontrou nenhum significante que pudesse representar o sujeito do inconsciente. A esse respeito, Fink (1998, p. 63) observa o seguinte:

Esse sujeito não tem outra existência além de um furo no discurso. O sujeito do inconsciente manifesta-se no cotidiano como uma irrupção transitória de algo estranho ou extrínseco. Em termos temporais, o sujeito aparece apenas como uma pulsação, um impulso ou irrupção ocasional que imediatamente se desvanece ou se apaga, “expressando-se”, desta maneira, por meio do significante.

Ou seja, textualmente, não é possível detectar, observar o sujeito do inconsciente. Isso só é possível a partir das pistas oferecidas pelo discurso. Por isso, não é suficiente, para uma abordagem psicanalítica, ou para uma investigação semiótica, um procedimento de análise que se limita às informações circunscritas à manifestação textual. A Semiótica greimasiana, enquanto método que tem como escopo explicar os sentidos resultantes da relação entre enunciado e enunciação, pode trazer muitas contribuições à Psicanálise.

Dessa forma, assim como a enunciação, em uma perspectiva semiótica, é sempre uma instância pressuposta no discurso, o inconsciente, em uma perspectiva lacaniana, só poderá ser alcançado por meio do consciente. A enunciação em si mesma pode não revelar o sujeito do inconsciente, mas pode oferecer um caminho mais seguro ao analista no sentido de (re)construí-lo pelo discurso. Não se está afirmando, com isso, que a enunciação é o conteúdo inconsciente, mas é inegável que os estudos enunciativos podem contribuir sobremaneira na apreensão do conteúdo inconsciente.

Silva (1996, p. 10), ao discutir sobre a escuta figural, faz observações de extrema importância para “sentir” as significações que não se mostram facilmente. Ele lembra Claude Ziberberg para quem “tanto a Semiótica como a poesia moderna procuram exercer a escuta do figural, ou seja, recuperar algo profundo a partir da superfície figurativa do discurso”. Afirma, ainda, Silva que é preciso “escapar à palavra, explorando-lhe a profundidade: a partir das palavras, prosseguindo na sua esfera e ir desvelando [...] uma a uma”. Recupera também as palavras do escultor romeno francês Constantin Brancusi que defende a idéia de “perseguir a realidade interior, a realidade escondida, o ser próprio das coisas... sua realidade fundamental”. Trata-se, portanto, de recuperar algo profundo a partir da superfície do discurso. A partir da palavra inicial,

buscar o que está além das palavras, para se chegar a outras palavras que compunham, de forma não evidente, o discurso.

II) A Delimitação do *Corpus* da Pesquisa

Para a delimitação do *corpus* desta pesquisa, pensou-se em diversas fontes, até que se chegasse a uma que satisfizesse condições éticas e metodológicas. Assim, os *blogs*, diários virtuais publicados na *internet* foram delimitados como fonte do *corpus* da pesquisa.

Os *blogs* surgiram em 1997. A idéia inicial era de possibilitar que qualquer pessoa que fosse alfabetizada e que tivesse acesso à *internet* pudesse publicar, diariamente, textos, fotos, vídeos, *links*, sobre qualquer assunto, em suas páginas pessoais ou *blogs*. Neles há liberdade total. Sendo assim, constituem uma excelente fonte, direta do enunciador, para a pesquisa da configuração patêmica da angústia.

A maioria dos *blogs* é atualizada diariamente. Oferecem, portanto, uma quantidade de informação satisfatória. O fato de os *blogs* serem publicados na *internet* afasta qualquer possibilidade de problemas éticos, pois não é necessário pedido de autorização para utilização de seus conteúdos. Além disso, o fato de o informante não saber que seu discurso será utilizado em pesquisa salva-guarda a lisura, a cientificidade na coleta dos dados.

Após a definição da fonte do *corpus*, foram feitas buscas na *internet* dos *blogs* que privilegiassem a angústia como conteúdo. Não foi feita nenhuma restrição no que se refere ao anonimato, faixa etária ou gênero dos autores dos *blogs*, etc. A única exigência para a seleção foi a presença dos conteúdos referentes à angústia. Ao todo foram selecionados cinco *blogs* para constituição do *corpus*. Este número foi estipulado por oferecer quantidade, variedade e suficiência de dados. Este artigo apresenta apenas parte dos resultados obtidos até o momento e não tem como objetivo explorar a totalidade do *corpus* delimitado na pesquisa como um todo.

III) A Angústia, segundo Freud e Lacan:

A concepção lacaniana acerca da angústia (1962-63) difere da concepção freudiana. Lacan retoma a conceituação freudiana e elabora novas formulações a respeito deste tema. Para Lacan (1962), a angústia é um afeto. Isso mostra que, para este, a angústia não é uma emoção, mas um afeto especial que tem estreita relação de estrutura com o que é um sujeito. Este afeto especial é descrito como da ordem de uma perturbação e não de um sentimento.

Segundo Chemama (1995, p. 14), na abordagem de Freud, dois níveis são distinguidos quando se trata de angústia: “No primeiro é um afeto entre sensação e sentimento, uma reação à perda, à separação”. Explica, ainda, que este nível é considerado por Freud como a parte originária da angústia. No segundo nível, a angústia é considerada como um “sinal de reação ao perigo de castração”. Este segundo nível ocorre na fase fálica: “Assim, para Freud, a ocorrência da angústia (...) está sempre articulada com a perda de um objeto fortemente investido, seja ele a mãe ou o falo.”

Chemama (1995, p. 14) explica que, para Lacan, a angústia é um afeto cuja posição é, no mínimo, de ser um sinal. Entretanto, diferentemente de Freud, Lacan considera

que a angústia não é decorrente de um perigo interno ou externo, mas “um afeto sentido pelo sujeito, em uma vacilação, quando é confrontado com o desejo do Outro.” Chemama salienta, ainda, que, para Lacan, a angústia não está relacionada à falta objetual, mas à relação do sujeito com seu objeto perdido. Assim, a angústia estaria relacionada ao *objeto a*; o que constitui a angústia é o momento em que alguma coisa, não importa o que, vem a surgir no lugar ocupado pelo objeto *causa* do desejo.

A angústia é sinal do real, de algo da ordem do irredutível. Por isso, a angústia, de todos os sinais, é aquele que não engana. No processo de subjetivação, algo resta de irredutível nesta operação de advento do sujeito no lugar do grande Outro. Esse resto é o a. Enquanto queda da operação subjetiva, pode-se reconhecer nele o objeto perdido: é disso que se trata, de um lado, no desejo e, de outro, na angústia.

IV) Angústia, contrapontos entre as abordagens lacaniana e semiótica:

“Redução, restrição, ansiedade ou aflição intensa; ânsia, agonia, sofrimento, tormento, tribulação”. Estas são algumas das definições de angústia contidas no Dicionário Aurélio (1986). Elas evidenciam um caráter essencial da angústia: ela causa enorme sofrimento psíquico aos indivíduos por ela atingidos. Além disso, como uma paixão complexa, a angústia abarca alguns outros “estados de alma”, que contribuem para o seu desenvolvimento.

O dicionário Aurélio ainda cita dois filósofos que contribuem para a reflexão acerca da angústia: Kierkegaard e Heidegger. Para aquele, a angústia é uma “determinação que revela a condição espiritual do homem, caso se manifeste psicologicamente de maneira ambígua e o desperte para a possibilidade da liberdade” e, para este, “uma disposição afetiva pela qual se revela ao homem o nada absoluto sobre o qual se configura a existência”. Note-se que a definição de Heidegger aponta para uma tomada de consciência do homem angustiado sobre a sua condição sentida como disfórica. Já Kierkegaard mostra o desejo do homem angustiado, que é entrar em conjunção com um determinado objeto-valor, sua liberdade. Assim, tem-se as duas pontas da angústia: de um lado, o homem incompleto e, de outro, o homem que busca uma transformação de estado.

Nessa mesma linha de pensamento, Lacan delimita a angústia como um afeto decorrente de uma impossibilidade específica. Como se mencionou anteriormente, o sujeito lacaniano é cindido. Nele, duas instâncias – consciente e inconsciente – coexistem e configuram um quadro conflitual. A consciência é a razão, a lógica. Como salienta Fink (1998), o inconsciente também é de uma razão, mas de uma razão que se distancia da Lógica Formal. Na consciência, não é aceita a ambigüidade, ao passo que no inconsciente, ela é perfeitamente aceitável.

O que funda esta divisão psíquica, de acordo com Lacan, é o deparar do indivíduo da sua incompletude. Trata-se do perceber-se finito, inevitavelmente atrelado ao Outro, da percepção de que, não importando o se faça, sempre estará faltando algo. O Outro ou grande outro é descrito por Lacan como aquele que, imaginariamente, acredita-se ser realmente completo, não faltante.

Essa noção lacaniana está relacionada à noção semiótica de paixão complexa, que passa pela chamada “espera fiduciária”. A conjunção entre sujeito e objeto-valor está diretamente atrelada às ações do outro. É necessária a concretização de um programa narrativo, que tenha papel atualizante, isto é, que eleva a condição modal do sujeito de

virtual para *atualizado*: que quer, sabe, pode e deve ser/fazer. A não transformação de seu estado modal faz com que o sujeito se transforme em um sujeito dominado por paixões tensas. É quando *pode* surgir a angústia. *Pode* porque só esta configuração modal não é responsável pelo surgimento da angústia. Para isso, é necessário investigar a natureza dos investimentos feitos pelo sujeito em seu objeto-valor. Em síntese, uma mesma configuração modal pode levar um indivíduo à angústia, à vergonha, ao arrependimento, etc e nada disso ocorrer com um outro sujeito, como explicou Fontanille em seu texto “Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionelle”.

Esta dimensão teórica de incompletude é facilmente observável no cotidiano, em expressões do tipo “só serei feliz quando tiver aquele carro”, ou “se ele me abandonar, minha vida não terá mais sentido”. Estas noções evidenciam os tipos de investimentos feitos pelos sujeitos em seus objetos, sejam eles coisas, pessoas ou afetos, enfim tudo aquilo que, acredita-se, trará a plenitude. Seja na abordagem semiótica ou laciana, esta noção de plenitude é ilusória: não existe a possibilidade de plenitude, completude, a não ser de forma ilusória ou imaginária. Ou seja, isso só é possível dentro de um “simulacro”, simulação/representação de uma realidade por meio do discurso.

É exatamente neste ponto que poderemos retornar à angústia. Toda vez que o indivíduo depara-se com sua impossibilidade constitutiva (não consegue mudar sua condição de sujeito virtual) e não consegue lidar com a frustração da espera não atendida, a angústia surge e sua finalidade é afastar e proteger o sujeito desse sentimento de falta. Nesse sentido, a angústia, ao mesmo tempo em que traz sofrimento, também tem como função a preservação do indivíduo. Além disso, a angústia, quando atinge níveis muito elevados, pode possibilitar ao indivíduo que fique em contato com sua impossibilidade e, frente a isso, ele pode esquivar-se ou apreender a significação que a angústia está trazendo naquele momento em particular.

Com a finalidade de ilustrar algumas afirmações anteriormente feitas, observe-se um recorte de discurso contido nos *blogs* que constituem o *corpus* da pesquisa:

As vezes eu sinto como se nada fosse o suficiente, como se nada pudesse se completar, nem se encaixar. Mas eu vejo que as outras pessoas se encaixam, e eu não. E eu tenho tanta vontade de fugir de todo mundo, de fazer as pessoas me detestarem cada vez mais, pra não sentirem pena de mim. Eu quero tanto sumir que já tô esquecendo de todos os lugares que possam me prender aqui

Este trecho de um *blog*, publicado por uma garota de dezessete anos, traz a própria definição da angústia. A questão da impossibilidade avulta-se. O objeto-valor em questão no trecho acima é o “encaixar-se”. O sujeito está relatando sua impossibilidade (*não poder ser*). A vontade de fugir e de ser detestada, para não ser alvo do sentimento de pena, fazem parte do modo pelo qual o sujeito lida com o fato. Trata-se, aqui, de um sujeito virtual, que tenta alterar seu estado disjuntivo, mas nada funciona. Ele *quer* livrar-se desta situação, mas não *pode* ou não *sabe* como fazê-lo.

Pode-se notar também a relação da autora do *blog* com as pessoas que a cercam. Para ela, os outros “se encaixam”, e sua vontade é de fugir de todos, fazer com que as pessoas a detestem para não sentirem pena dela. Na continuação da mesma publicação, a adolescente completa:

Eu não me importaria se você me odiasse hoje, amanhã, ou até quem sabe pra sempre, mas me odeie, e nunca mais tente me impedir de continuar sendo essa coisa, inumana. [...]

E foi a falta desse egoísmo que me fez querer tanto ser imóvel. As pessoas são egoístas demais pra morrer por outras pessoas. [...]

Eu canso de fingir que eu estou bem, quando na verdade eu queria estar gritando, esperniando, chorando. Tudo pra com que pensem que eu sou uma boa menina, adestrada e medicada, e pronta pra viver bem com a sociedade.

Este trecho revela, no eixo da manifestação textual, uma contradição. Ao mesmo tempo em que as pessoas a incomodam, com seus “encaixes” e isso traz irritação, a garota tenta transmitir a imagem de que ela própria também se “encaixa”. Ela afirma querer fugir de todos, como mostrado na passagem anterior, mas tenta transparecer que é “adestrada”, como todos. Diz que as pessoas podem até mesmo odiá-la, desde que a deixem ser “inumana”. Contudo, ela esforça-se em parecer humana.

A declarante, assim, estabelece um contrato fiduciário com estas pessoas que, segundo ela, se “encaixam” e são “adestradas” socialmente. Ao mesmo tempo em que critica estas pessoas, ela, de certa forma, quer parecer com elas. Essa idéia confirma-se quando, quatro dias após a publicação destes relatos, a mesma pessoa publica o seguinte texto:

Foi demais, foi perfeito, foi uma das melhores sensações q alguém pode experimentar. :) Todo o palco era meu, toda a platéia era minha, todo mundo gritava pra mim, todo mundo olhava pra mim, todo mundo pagava um pau pra mim! ;) hauuhauhauhauhahua. E eu posso ganhar 300 reais por fzr o q eu mais amo...dançar.

Este texto é relativo a uma apresentação de dança que a garota protagonizou no colégio em que estuda e revela uma face diferente daquela relatada quatro dias antes. Ela relata que o fato de as pessoas a aplaudirem, aprovarem suas ações, é uma das melhores sensações que uma pessoa pode experimentar.

Essa aparente contradição, presente nos relatos, aponta para um desacordo entre enunciado e enunciação. A esse propósito, convém lembrar o que Fiorin (2000, p. 55) afirma sobre a relação entre enunciado e enunciação:

O enunciadador pode, em função de suas estratégias para fazer crer, construir discursos em que haja um acordo entre enunciado e enunciação ou discursos em que haja conflitos entre essas duas instâncias. É preciso sempre lembrar que a discordância entre enunciado e enunciação não é um desacordo entre um conteúdo manifestado e uma intenção comunicativa infável, uma vez que as únicas intenções do sujeito que se podem aprender estão inscritas no discurso. Isso quer dizer que o conflito pode estabelecer-se entre o enunciado e a enunciação enunciada, ou seja, as marcas deixadas pela enunciação no enunciado, os elementos do discurso que remetem ao eu que o organiza.

A aparente inconsistência temática no discurso da garota, que, em última instância, constitui uma estratégia de manipulação da opinião do outro, aponta para um importante fator no que se refere à análise da angústia. Esta apenas se presentifica, porque, apesar de a garota negar (enunciado), ela desejaria ser reconhecida e aplaudida (enunciação). Eis a angústia originada pela impossibilidade do ser!

O ser humano nunca consegue preencher o espaço por si só, me irrita essa necessidade de ter que sempre mais alguém em alguns momentos pra eu me sentir completa. Porque a gente fica num ciclo vicioso de querer, de ser dono, de dominar

e acaba perdendo a noção de barreiras que se deve ter com os outros. Você quer a pessoa pra você, e quer que ela faça tudo que possa fazer com que você se sinta completo, e ela tem que se sentir completo com o que você se dispõe a fazer.

Ao mesmo tempo em que há a negação, *não querer ser* (enunciado), há também algo que escapa e que mostra a satisfação em ser aquilo que é socialmente aceito, *quer ser* (enunciação). Isso fica evidente na discordância entre aquilo que é efetivamente dito (enunciado) e aquilo que se dá a perceber de forma velada, sutil, que quase foge (enunciação). Porém, todos esses efeitos de sentidos são passíveis de ser explicados, já que são criações do próprio discurso. Nesse sentido, todas as significações de um dado texto são explicáveis por meio dos elementos constitutivos daquele discurso.

Talvez, se a autora dos relatos não tivesse essa percepção, de que, inevitavelmente, sempre terá que lidar com a falta, ela não se angustiaria tanto. Ela quer *fazer crer* que não se importa com aparências, com as opiniões alheias (eixo da manifestação), no entanto mostra que se preocupa sim, que esse é seu objeto-valor (eixo da imanência). Dessa forma, fica evidente o conflito e angústia em que se encontra:

Me dói!

Muito!

Não conseguir fazer tudo o que eu quero, não entender tudo o que eu preciso.

Não ver o namorado quando eu quero.

Tentar ser móvel.

Me dói! Absurdamente...

O sujeito, neste caso, está em sofrimento, porque sabe de sua impossibilidade: “não conseguir fazer tudo que eu quero, não entender tudo que eu preciso”. Frente a isso, utiliza-se de alguns mecanismos, tais como se afirmar, diferenciando-se do que é esperado pela sociedade, conforme aparece em seu relato. Ela não quer se sentir angustiada, porém não sabe como. Não pode fazer isso.

Há, ainda, um dado interessante retirado do *corpus*. Em nenhum momento, a autora do *blog* afirma ter tentado suicídio, mas são comuns relatos como os que seguem:

De novo eu tô começando a sentir minha boca formigando, tô ficando sonolenta esq...[...]

Falhei, comigo mesma. De novo. Qual a grande dificuldade de uma pessoa em se matar! Inferno![....]

Pq eu tento fingir que tudo isso não aconteceu comigo, e porque quando eu leio tudo o que eu escrevi eu choro com pena de mim mesma? E porque eu ainda não joguei tudo isso fora...Será que eu finjo ser 'normal' ou antes eu estava realmente errada e desisti de tudo o que me fez chegar a tal ponto?

Eu só queria esquecer.....

Parece que realmente houve uma tentativa de suicídio e, de acordo com que descreve a autora do *blog*, esta atitude se deve ao seu não saber lidar com sua impossibilidade. Ela já não esperava mais que pudesse haver uma solução para seu sofrimento. O saber da impossibilidade de conjugação com o objeto-valor leva o sujeito ao estado de insatisfação e decepção. É nesse momento que a angústia emerge.

Na situação relatada pela autora do *blog*, parece que a sua confiança e esperança de alcançar o que desejava foram aniquiladas a ponto de fazê-la tentar acabar com a

própria vida. Porém, de alguma maneira, não relatada em seu discurso, a esperança e a confiança restabeleceram-se:

Ainda bem que eu fiquei aqui. Ainda bem que eu tenho a família completamente estranha que eu tenho, ainda bem que eu não sou mais psicótica, e eu choro quando preciso. Mas sem querer me jogar da janela. Dá vontade de desistir muitas vezes, eu tenho vontade de tomar todos os remédios de novo, mas é mais gostoso enfrentar tudo e dizer "eu consegui". Eu tô com orgulho de mim mesma, não sentia isso faz tempo.

Como se dá a perceber, a trajetória da autora do *blog*, em sua relação à angústia, é modificada diversas vezes, conforme sua relação com o objeto-valor e com as relações actanciais envolvidas. Em relação a essas transformações modais, Bertrand (2003, p. 362) escreve:

O sujeito, sujeito da fala e da percepção, posiciona-se nos discursos, no universo de significação, conforme um dispositivo de actantes. Este pode ser definido por seu modo de junção predicativa, ou seja, os actantes são evolutivos e moduláveis a qualquer instante do discurso. Devido a esta oscilação, os actantes não comportam uma morfologia estável; em cada fala uma faceta de identidade emerge. O estudo destas oscilações, das modulações que afetam os actantes, permite caracterizá-los; é neste âmbito que se pode visualizar o sujeito da paixão.

A crença do sujeito na possibilidade de lidar com a sua angústia é restabelecida, ainda que seja fundamentada não na resolução do conflito, mas na própria capacidade de vivê-lo e buscar uma solução para os problemas. Por conseguinte, houve a reinstauração de um *querer ser*, a conquista da liberdade, a busca, ainda que ilusória, da plenitude lacaniana. A bem da verdade, após a tomada de consciência do “nada absoluto” da sua existência, - como afirmou Heidegger anteriormente- o indivíduo passou a *querer ser* sujeito da sua própria história ao despertar-se para a “possibilidade da liberdade” - como afirmou Kierkegaard anteriormente - para encontrar a tão almejada felicidade:

Ainda bem que eu fiquei aqui. Ainda bem que eu tenho a família completamente estranha que eu tenho, ainda bem que eu não sou mais psicótica, e eu choro quando preciso. Mas sem querer me jogar da janela. Dá vontade de desistir muitas vezes, eu tenho vontade de tomar todos os remédios de novo, mas é mais gostoso enfrentar tudo e dizer "eu consegui". Eu tô com orgulho de mim mesma, não sentia isso faz tempo.

V) Referências Bibliográficas:

- BARROS, Diana L. P. de. “Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos”. In: *Cruzeiro Semiótico*. Porto: n. 11/12, 1990.
- _____. “Sintaxe narrativa”. In: Oliveira, Ana C., Landowski, Eric (org). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: Educ, 1995.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru: Edusc, 2003.
- CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FINK, Bruce. *O Sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FONTANILLE, J. “Le tumulte modal: de la macro-syntaxe à la micro-syntaxe passionnelle”. In: *Actes Semiotiques*. Paris: Institut National de la Langue Française, 1986.
- LACAN, Jacques. *Seminário 10 - A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962.
- _____. “Função e Campo da Fala da Linguagem em Psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1978.
- SILVA, Ignácio A. “A Escuta do sensível”. In: SILVA, Ignácio A. (org). *Corpo e Sentido*. São Paulo: Unesp, 1996.